



Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVII — N.º 418 — Preço 1\$00
19 DE MARÇO DE 1960

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

FACETAS DE UMA VIDA

Vilariño, Gondomar, Vigo,
14/3/24

Meu caro S.

Com referência às nossas contas e ao tal chique que eu disse que lhe havia de enviar para, pôr tudo junto no seu Banco, já não penso em mandar nada para ali. O que está no Porto lá fica e será para os pobres mais necessitados que eu conheço, das minhas aldeias, e o que ali está também já tem destino para uma grande parte dele, senão todo. É o seguinte: o «nosso» convento de Tuy anda em obras e vão fazer uma enfermaria. Como viesse aqui há dias

o Padre Provincial eu ofereci-me para apetrechar a enfermaria com seis camas e todos os seus pertences. O Homem acitou radiante e cá p'las minhas contas tudo completo sobre a uma: 150 libras. Claro que eu declarei que isto realizaria no caso de poder perseverar na vida monástica, porque se tanto me não fôr possível, darei apenas uma esmola compatível com as minhas posses e com a estadia neste convento. Em qualquer dos casos eu avisá-lo-ei com tempo para entrar com o dinheiro preciso para a minhas contas, se ainda o fez, e nessa altura passarei um cheque do custo de tu-

do sobre o Blandy e entregá-lo-ei ao «nosso» síndico.

Digo-lhe no caso de ficar, porque não posso dizer se sim ou não terei coragem para permanecer até final. Como atrás lhe digo, o futuro da nossa vida é um mar de contingências e esta empresa em que me meti não é das mais fáceis que encontramos no decurso da vida. Não se muda de costumes com facilidade e muito mais difícil é tomá-los, quando eles são do carácter dos que vou professando. V. sabe como eu vivia, mas não pode supor como vivo aqui. Ter que levantar de madrugada, deitar quase que de dia, comer uma comida parca e mal amanhada, ter muitas vezes por ceia um bocadinho de pão e um copo de vinho, por não gostar do prato que servem a ela, comer ainda sobre mesas de pinho sem toalha, por pratos de folha, sentando em bancos de pinho. Dormir numa cela, que tem por mobília quatro tábuas, estas sobre 2 bancos de pinho. Ter as portas da cerca e do convento cerradas, ouvir em Vigo a sirenia dos vapores, na estrada a busina dos automóveis, nos campos as aves a voitar de ramo em ramo na mais ampla liberdade. Isto custa ao mais insensível, meu caro S. Ah... mas nem tudo são espinhos dentro dos Conventos e se assim não fosse não teriam existido até 34 e existiriam ainda hoje de Portugal, muitos milhares de homens que não trocam o burel de monge por todas as fortunas e liberdades do mundo. Nem tudo são espinhos, dizia eu. Temos a alegria e conforto espirituais, o prazer sublime e infinito de comunicarmos com o invisível, a certeza de que todos os sacrifícios

Festas

UNS dias mais — e eis-nos face a face.
P.e Horácio, P.e Zé Maria e P.e Acílio andam azafamados no resolver das burocracias incuráveis. Eu sou mais feliz! O Júlio é quem anda. E tem sido roda viva! Ele Postos Emissores, ele jornais, ele T. V.... Que à hora em que escrevo ainda não sei se a T. V. lhe dá audiência!

As Empresas das salas onde vos vamos visitar têm-se multiplicado em boa vontade para nos facilitar os passos. Por vontade delas, esta festa singular seria verdadeiramente singularizada. Porém, do papel selado ninguém se livra, nem ninguém nos livra! Deixá-lo! Com um bocadinho de dificuldades se temperam mais saborosas aquelas horas de convívio.

Os senhores não esqueçam nem façam confusão:

No Porto é em 24
Em Coimbra é em 28
Em Lisboa é em 29
Em Palmela é em 31.

E a cautelinha com os bilhetes. Em estande a sala cheia não cabe mais ninguém. E elas são grandes, mas não infinitas! Cautelinha, pois, e nada de guardar para a última hora!

Para facilitar aí vai em separado a notícia dos locais onde se vendem os bilhetes nas quatro terras onde a festa vai ser.

África

a

AINDA não temos marcada a data da partida, nem fixado o itinerário. Mas surgem já ecos à notícia da nossa ida, soltos por corações amigos de além-mar. São sugestões. É a indicação das vantagens de ir aqui de avião, acolá de comboio. É a

certeza de que «o caminho de ferro não deixará de lhe dar o passe». É a gentileza tão amiga de um «agradecia que me avisa para se passa a minha vida em segurança e altura». É o cuidado de tranquilizar: «Pode V. vir sem qualquer receio, pois nas nossas Províncias Ultramarinas, graças a Deus reina a paz». É a lembrança zelosa: «Na Beira encontra-se um europeu que diz curar a leucémia e o cancro. Como no «Calvário» de Beire se encontram doentes com esta doença...» É a esperança tentadora: «Venha! Não terá tantas dores de cabeça na colocação na vida de tantos filhos. Aqui há tanto por onde se espalhar! Deite pés ao caminho e mande os de confiança. Pelo meu lado estou pronto a ser prestável».

Pois vamos, sim senhores. Não sei quando, nem como, nem por onde. Vamos—agora, com dobrada certeza de que «a vinda de V. a Angola e Moçambique será motivo para que os portugueses destas duas Províncias lhe dêem pessoalmente provas do amor que têm à Obra do sempre saudoso Pai Américo». Ora o amor prova-se em obras. E nenhuma mais de amor do que abrir-nos os braços aos nossos filhos.

Por isso vamos. Muito contentes, e com muito sacrifício. Muito contentes por causa do muito sacrifício, pois será ele a medida das graças que havemos de trazer.

resentes são sons que passam, a fé na Eternidade. Como é admirável a vida sobrenatural. Isto que lhe digo sinto-o, meu caro. Pra se poder aqui viver é necessário sentir. Aqui não há caprichos; não há estoicismos. Há a fé na vida eterna; o amor de Deus; a vontade íntima e sincera de fazer bem aos homens sem esperar a recompensa de Deus. Se

soubesse como eu desejo sair a lazer bem às almas doentes. É hoje toda a minha ambição. E hei-de consegui-lo. Por enquanto tenho três frades que me ensinam latim e rudimentos de ciências. A isto segue-se um ano de noviciado: em Julho p. Depois vêm 2 de filosofia e 4 de teologia.

continua na página quatro

COLISEU DO PORTO

24 DE MARÇO — ÀS 21,30 HORAS

Os bilhetes para a nossa festa estão à venda: dias úteis no Espelho da Moda, Rua dos Clérigos 54; e todos os dias nas bilheteiras do Coliseu do Porto.

Relatório

Como os outros anos; como Inês de «Belém» e P.e Fonseca da «Auto-Construção», a quem pedi a sua parte para o nosso Relatório — eu tropeço na dificuldade de encontrar o que dizer, quando a janela sempre rasgada do nosso jornal introduziu ao longo do ano o olhar das centenas de milhar que o lêem.

E nesta busca de ideias para um Relatório — que, com certeza, será diferente de todos os relatórios, porque singular é a Obra de cuja vida relata — eu fixo o pensamento na transparência e na força da Verdade.

«Eu sou a Verdade...» Jesus, o nosso Mestre, dá-Se este nome.

Ser Seu discípulo é transparente. E quem o transparece, cativa pela Força imanente da Verdade. A inteligência, o coração dos homens — foram feitos para a Verdade e para o Amor. Amor é outro nome próprio de Jesus.

Eis o motivo, a única causa, da paixão que a «Obra da Rua» rasga nos corações dos que a conhecem. É que ela não é outra coisa (apesar da imperfeição humana dos chamados a realizá-la) do que a transparência de Jesus-Verdade, de Jesus-Amor.

O Sermão da Montanha não passou: é. Como todas as páginas, como todas as letras do Evangelho, as *bem-aventuranças* são as armas autênticas com que a Eternidade vence o Tempo; as únicas com que os homens podem edificar a Cidade temporal de Deus, justamente porque os meios são de Eternidade.

«Tudo passará... As palavras do Senhor permanecerão».

«Beati pauperes... Beati mites...» *Felizes* — os que nada têm; os mansos; os que choram; os que padecem fome e sede de Justiça;... os que sofrem perseguição!

Felizes!? Porquê? Como? — perguntam, escandalizados, os homens.

E a sua humanidade nunca lhes responderá. Mas a Humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, essa sim! — porque Ele foi pobre; «manso e humilde de coração»; chorou; padeceu fome e sede de Justiça;...sofreu perseguição» — E quem além dEle, é Senhor do Céu e da Terra, do Tempo e da Eternidade?!

E à imagem dEle, a vitória com que os Seus discípulos vencem o mundo é a mesma: Possuidores, porque pobres; dominadores, porque mansos; consoladores, porque conhecem o sabor de chorar; mitigadores de muitas fomes, porque sequiosos da Justiça;... senhores do Céu, porque perseguidos na terra por amor dos homens.

Os homens não entendem,

nem serão capazes jamais de entender, pela luz abandonada da sua inteligência. Mas se vierem à luz da Luz, então, compreendem a contradição; compreendendo, amam-na — e assim adquirem a verdadeira sabedoria e são vencedores pela Fé. «Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa Fé».

Daí o interesse, o amor, um sentido intuitivo de gratidão, de que são alvo pela parte dos homens de boa vontade, aqueles que foram chamados, e, pela graça de Deus, (posto a sua fragilidade de «vasos quebradiços») têm transparecido diante deles, e lho têm revelado, o Único «que tem palavras de vida eterna» e que apaga eternamente na Sua Paz o fogo de todas as ansiedades do coração humano.

Eis a «Obra da Rua» — o seu encanto, a sua força, o segredo do respeito que a rodeia — tudo efeito da sua transparência da Verdade, que é um dos nomes próprios de Jesus.

Penso que ao longo de 1959, tivemos oportunidade de continuar servindo a Verdade, na doutrinação e na firmeza da linha de conduta, leais à Santa Igreja, «com quem rimos e choramos», discretos e claros para todos os leitores das linhas e das entrelinhas.

Também podemos vencer uma batalha mesquinha, em que não usamos armas ofensivas nem defensivas, mas tão somente abandonamos à força intrínseca da Verdade, a sorte do sucesso.

«Eu sou a Verdade...»

Deus nos guarde transparentes. Porque se sim, Deus é conosco. E se Ele é conosco, quem contra nós?!

★

Quanto aos nossos rapazes (Falo — é claro — dos mais responsáveis e dos mais velhos, não da massa que nós mais aqueles temos a missão de levar) eu queria que sentissem, como os seus padres, a fascinação e o compromisso de servidores da Verdade.

A Família da Obra da Rua tem sido como que um pequenino «povo eleito», a cuja acção Deus tem dado uma eficiência algo singular.

Não que sejamos nós os depositários da Verdade. Só uma Entidade foi instituída por Nosso Senhor, para conservar, desenvolver e preservar o depósito da Revelação: a Sua Igreja.

Mas hoje, que a expansão da ciência e a febre das técnicas avassalam os homens, talvez por isso mesmo, há uma preguiça dolorosa para as actividades do espírito e assim uma oportunidade rara para o ensino por obras relativamente à doutrinação por palavras.

É a explicação da eficiência

algo singular da nossa acção. Aliás, foi assim no começo da expansão da Igreja. Mais do que a palavra dos Apóstolos, foi o exemplo da Caridade que arrastou as multidões: «Vede como eles se amam!»

O mundo tem progredido pouco no amor. Dois milénios depois da proclamação da Nova Lei (*Ouviste o que se disse: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu porém digo-vos: Amai os vossos inimigos; fazei bem aos que vos odeiam; e orai pelos que vos perseguem e vos caluniam*), continua a ser ponto de admiração o amor dos homens, uns aos outros.

É pelo que a Obra da Rua tem realizado em favor dos homens, nas Casas do Gaiato, no Património dos Pobres, no Calvário, nos *barredos* — que a sua palavra, *recebida da Igreja*, assume, uma acuidade que penetra profundamente nos corações ávidos de Verdade, de Justiça, de Paz. E destes corações não se encontra apenas nas fileiras dos fieis. Mas muitos *publicanos* sem acesso à *palavra da Vida*, ou desconfiados dela, vêm a descobrir a essência do cristianismo cujo desejo jazia latente, em suas almas. E estes, operários da *hora undécima*, são, quantas vezes!, os mais apaixonados e zelosos da vinha do seu Senhor.

É neste sentido que eu vejo em nossa Família os caracteres de um pequenino «povo eleito».

Ora, deitando os olhos à História Bíblica, nós aprendemos que o Povo Eleito experimentou a grandeza de uma protecção *maravilhosa* de Deus e as depressões do abandono dEle, por causa da infidelidade do Seu Povo. E sempre as ressurreições do Povo vieram pela humilhação, que levou à Humildade («Senhor, Tu experimentaste-me e conhecestes a minha queda e o meu erguer») e ao reconhecimento da sua fraqueza congénita e da sua força participada dAquele, que, tantas vezes, fora o seu conforto. Então, na Fé, na certeza da Misericórdia que os aguardava, o Povo rezava humildemente sim, mas como quem argumenta:

«Perdoa, Senhor, perdoa ao Teu Povo e não o abandones nem o des em domínio aos ímpios, não vão eles dizer: — Mas onde está o Deus destes?»

Ora eu queria que os nossos rapazes mais responsáveis e mais velhos, compreendessem e

sentissem, que todo o auxílio, toda a simpatia de que temos sido objecto; e toda a eficácia de que temos sido instrumento — não são consequência dos nossos méritos nem do nosso engenho, mas sim de uma predilecção de Deus, cuja razão sempre será mistério.

A generalização desta mentalidade entre eles, aumentar-lhes-ia o préstimo e guardá-los-ia na fidelidade, na humildade, na acção de graças — que são, da nossa parte, a condição, bem insignificante, dos benefícios que Deus nos tem concedido.

★

O ano de 59 foi o primeiro desde a morte de Pai Américo em que não tivemos nenhuma Missa Nova em nossas Casas.

Não que a inquietação tenha diminuído nos nossos Seminários. Em um deles foram ordenados dois que apresentaram ao seu Bispo o grande desejo. E, na impossibilidade de serem atendidos pediram, e foi-lhes consentido, o voto de Pobreza, para que assim, abandonados à Providência de Deus, se pudessem sentir irmanados mais de perto, à espiritualidade de Pai Américo. Em outro Seminário era de toda a gente conhecida a doce *prisão* de um dos novos levitas à Obra da Rua. Talentos de outra espécie e a urgência que a Diocese tinha deles, não permitiram que o seu desejo, e nosso, fosse satisfeito.

E sabemos de porções de clero, aqui e além, que compreenderam todo o valor de *testemunho* que a Pobreza sacerdotal é, sobremaneira em nossos tempos, tão feridos pelo materialismo, militante ou prático (este não menos venenoso nos seus efeitos!).

Sabemos mais: que às resoluções práticas destes grupos de sacerdotes não é estranha a influência de Pai Américo.

Se Deus quiser, três anos mais e dois novos padres engrossarão a nossa pequena falange. Esperamos-os com ansiedade, nem tanto para encarmos logo a expansão a que o crescer da Obra nos impele, como para podermos suprir as deficiências do nosso desgaste e ficarmos mais disponíveis para a atenção individual que é indispensável aos nossos rapazes e aos nossos doentes. E ainda para que, mais livres da necessidade de tantas e cada vez mais dispersivas actividades a que nos não podemos furtar, nós não venhamos a cair na tentação do *activismo*, antes possamos mergulhar mais e mais profundamente na contemplação indispensável à sobrenaturalidade da nossa acção.

E aos outros candidatos ao sacerdócio vivido na Obra da Rua que vêm mais atrás, com uma dedicação que o próprio esforço avaliza, que o Senhor os ajude a perseverar na ultrapassagem das muitas dificuldades que têm experimentado e hão-de experimentar.

★

I - Casas do Gaiato

O grande acontecimento do ano foi a Reunião dos mais velhos dos nossos rapazes em Miranda do Corvo, como ao tempo se revelou. Ela não pode ter deixado de produzir os seus efeitos, tanta foi a seriedade com que os Padres da Rua a prepararam e com que todos os participantes a viveram.

Reunião bastante concorrida, não nos deixou ilusões sobre os muitos graus de interesse que se contariam entre os assistentes... Mas creio que a todos fez bem, pelo que me não arrependo do numeroso concurso de rapazes.

Eu muito gostava que os assuntos então tratados, os quais constituíram um número especial da *Voz dos Novos*, fossem lidos pelos que não foram à Reunião e relidos de vez em quando, pelos que foram, afim de se não perderem os frutos dela.

Aqueles dias de Outubro seguiu-se em todas as Casas um período de interesse mais caloroso. Depois, em algumas delas, uma crise intensa entre os mais responsáveis. Eu, que a sofri profundamente, digo agora: ainda bem! E espero que por sobre a estreiteza de espírito, que impede uma caridosa compreensão e tolerância mútuas, se alicerce uma colaboração pa-

ternalmente coordenada e fraternalmente desenvolvida pelos que venceram a prova, dos quais a Obra exige a disposição perseverante de servir melhor, sempre melhor.

Outro ponto cujo sentido da importância se vai enraizando cada vez mais em nós é a cultura dos nossos rapazes. Ele foi abordado mais de uma vez na citada Reunião e P.e Baptista, fez dele, mesmo, o tema do Altar.

A este respeito volto a queixar-me da preguiça intelectual de muitos, que não se esforçam, nem sequer correspondem aos nossos esforços, pela elevação do seu nível cultural. É pena. Porque, num tempo em que as boas colocações são tão difíceis de obter, já nos temos visto em dificuldades para responder a algumas ofertas excelentes, por falta do rapaz com a preparação adequada. Que os nossos rapazes meditem na responsabilidade de quem tem dentes e nozes... e não as pode comer. E encontrem estímulo na coragem

Teatro Avenida — Coimbra

28 DE MARÇO — às 21,30 horas

Os bilhetes para a nossa festa estão à venda: no Lar do Gaiato, Telef. 24648; Casa do Castelo, Rua da Sofia; e nas bilheteiras do Teatro Avenida.



de alguns que têm aproveitado admiravelmente as oportunidades oferecidas.

De resto, no capítulo Instrução, não temos razão de queixa dos resultados nas nossas escolas primárias, nem geralmente, daqueles que em Lisboa, Porto e Coimbra frequentam cursos

secundários diurnos ou nocturnos.

Dois, do Lar de Coimbra, começaram a frequentar a Escola do Magistério. Deus os ajude e nos ajude a realizar brevemente o grande desejo de ir provendo as nossas escolas, com professores saídos das nossas fileiras.



Aproveitamento

Ao Ernesto, que em carta dada à estampa no último jornal, perguntava se ainda me sentia «incomensuravelmente feliz»; a outro, de fora, já, das nossas telhas, que em conversa sobre êxitos e fracassos de alguns rapazes nossos, me punha a possibilidade de arrependimento de haver tomado este caminho — eu respondo por todos os «padres da rua» que a nossa felicidade e a firmeza no caminho não dependem do êxito da nossa acção, mas da certeza do chamamento, da fidelidade a ele e da grandeza do ideal.

Um sacerdote é um semeador do divino. Seja qual for a sua missão ele sabe que se lhe aplicará a palavra da Escritura. «Euntes ibant et flebant, mittentes semina sua» — «Saindo os semeadores, iam chorando enquanto lançavam a semente à Terra».

Mas sabe, com a mesma certeza, que «venientes antem venient cum exultatione, portantes manipulos suos». — «Porém, ao regressarem de colher, virão radiantes, trazendo os feixes do cereal».

O que cedesse à tentação de se prender ao momento que passa, esse sim, correria o risco de vacilar, de se arrepender, de se sentir frustrado. Quando, porém, os olhos se fixam longe, nas alturas em que paira o ideal, a certeza da exultação que será depois basta de compensação às lágrimas presentes. Mais: O semeador sabe que a abundância e o amargo das dores da sementeira são a condição da fertilidade da colheita. Sabe, também, que, às vezes, pode não lhe tocar a doce tarefa de colher. Mas a certeza de que não foi estéril a sementeira que fez é suficiente à sua felicidade.

O sacerdote é semeador. Não é, necessariamente, segador.

Ora a nossa missão junto dos rapazes é servir a Deus — «capaz de fazer de pedra: filhos de Abraão» — na Sua obra de salvação em favor de uma juventude transviada, ou em perigo, mais por causa das condições sociológicas do seu viver, do que pela malícia do seu coração.

Dois espécies de rapazes nos

surgem: os que têm carácter; os que o não têm.

Destes, pouco podemos esperar.

Uns porque terra sem fundo; outros porque terra contaminada e exausta por ervas ruins. A sua culpa..., não temos competência para julgar.

Os que têm carácter, sempre hão-de vir a dar fruto. Mais, menos, mais cedo ou mais tarde... mas sempre hão-de vir a dá-lo.

Os próprios dois que me dirigiram a interrogação acima revelada, confirmam o que digo.

Que de trabalhos, que de aventuras, que de desgostos, que de ingratidões!... Tudo pareceu perdido em certo momento. Mas eles não eram lobos, não. De lobo, era só a pele que os revestia. Um dia, viram-se; encontraram-se; e acharam todo o drama daquela máscara que lhes não correspondia. Foi só coincidir a sua descoberta com uma voz: antiga, muitas vezes segredada aos seus ouvidos sem atenção nem fruto, mas agora sim, ao ressurgir essa voz.

E despiram a pele.

Sempre saíram, e hão-de sair das nossas casas rapazes das duas espécies. Que os «padres da rua» se não impacientem por isto e saibam prender-se à grandeza do seu ideal de modeladores de homens, sabendo que encontrarão matéria que lhes resiste e sairá das suas mãos por esculpir. Sempre assim será.

Ainda há tempo. Um rapaz na segunda dúzia de anos sai para um emprego, e bom! É ajudado. Leva o que era seu e um pequenino enxoval para começar a vida. Antes de sair, porém, visita armários dos seus irmãos e leva também do que não era dele, nem lhe fora dado. Ele mesmo sabe o que fez, porque passaram meses e ele passou muitas vezes à nossa porta, mas não bateu. Terra sem fundo!

Outro, saiu há pouco mais de um ano. Saiu, de repente, por uma fraqueza grave que tornou impossível a sua presença sob as nossas telhas. É certo que lá fora não foi desamparado. Mas sofreu humilhações das mais diversas — e lutou corajosamente para as vencer.

Venceu. E no dia em que materialmente deixou de precisar de nós, manda-me essa carta, que eu ofereço a todos, mas es-

pecialmente aos nossos padres e rapazes.

«Um ano faz que a vida mais do que nunca se me apresentava escura. Muito trabalho, imensa persistência e inquebrantável força de vontade me permitiu alcançar esta posição mais ou menos honrosa. Meditando no passado, cada vez mais me convenço que um ser mortal, de pouco ou nada é capaz se só consigo contar. O Senhor, acha que eu teria conseguido o que fiz, só pelo meu pé? Inteiramente impossível.

Uma frase, ouvida muitas vezes na nossa Capela, me serviu de guia.

«Tende confiança na Providência, que se Deus criou as avezinhas e as mantém sem cultivar nem colherem, como há-de abandonar seres feitos à

Sua Imagem e Semelhança?»

Nesta frase curta e na Rainha dos Pecadores, se encontra toda a razão da minha vitória. Em conversa amiga com um moço daí, em que lhe contava o que acima transcrevo, me dizia:

—Mas quantos há que não acreditam nestas coisas?!

Sim, é verdade, eu próprio presenciei isso noutros tempos. Mas então, que estão esses a comer os sacrifícios de tantos e tantos, se não acreditam que vivem de Deus?

Senhor Padre Carlos, na próxima segunda-feira, dia 21, terei concurso, como sabe, sendo a primeira pedra para alicerce da minha vida. Estou convicto que vou ser bem sucedido, pois que a pessoa que me meteu cá, já me quis mudar de serviço por duas vezes e o meu Chefe de secção alega sempre que precisa de mim, mas eu pedia ao Sr. Padre para se lembrar da minha pequenez na sua HORA GRANDE, para que o OMNIPOTENTE me ajude a ser cada vez mais santo, jamais me abandonando.

Terra que teve espinhos — Terra desbravada.



Trabalho

Se para avaliar da importância que damos ao trabalho, entre outros meios de fazer um homem, fosse necessário este argumento (muito de segundo plano para nós), chamaríamos a atenção para o rude esforço feito no ano de 1959 com o equipamento e reequipamento de algumas das nossas oficinas.

No Tojal, a presença da energia eléctrica, até há pouco fornecida em condições precárias, possibilitou-nos a abertura da sua Tipografia, a mecanização da sua Carpintaria e a compra de mais algumas máquinas para a Serralharia.

Da urgência destas oficinas e das possibilidades delas, pela vizinhança da Capital, basta dizer-lhes dos meus trabalhos em moderar os entusiasmos dos nossos Tojalenses, que não me deixam pela aquisição de novas máquinas que permitam a expansão das oficinas. E ainda nem os dentes lhes apareceram!

Aproveitando a montagem da Tipografia do Tojal e resolvendo problemas em conjunto, adquirimos uma impressora automática para Paço de Sousa e refizemos o stock de tipos, alguns dos quais quase inutilizados. E desta ideia de refazer tipos — sem premeditação, sem querer-

mos — *escorregámos* na compra da Monotype, do que não estamos nada arrependidos, nem tanto pela valorização actual da nossa oficina, como pela possibilidade aberta aos nossos rapazes de boas colocações no futuro.

Ainda há momentos, Daniel, regressando da montagem de uma Monotype, me contava das condições em que ia trabalhar um dos montadores. Excelentes!

Ora todas estas compras comprometeram-nos em mais de 600 contos, golpe profundo que vamos sarando aos poucos.

Por isso dizíamos acima: Se este argumento fosse necessário, aqui estava, pela grandeza do esforço feito, a importância que o trabalho tem em nossas casas. Mas não; não é necessário. Pai Américo foi bem expresso a respeito do valor do trabalho na formação dos rapazes.

E por isso concebeu as nossas casas, à maneira de colmeias, onde «quem não trabuca, não manduca».

E mesmo sem a doutrina expressa de Pai Américo, é velho como o homem, que «havemos de comer o pão com o suor do rosto». Mas, uma vez a ordem introduzida pelo pecado de origem e suas consequências, não é como maldição que havemos de en-

tender aquela sentença, mas como uma das armas mais preciosas de resgate.

Ouvi tantas vezes a Pai Américo: «Sinto-me tão feliz nos dias em que tenho muito que fazer!...» Se não fossem outras dores que muitas vezes o mortificavam, por aquela causa todos os seus dias teriam sido felizes!

Quem dera que os nossos rapazes compreendam o valor insubstituível do trabalho e adiram a ele de alma e coração, na consciência plena de que estão construindo o seu bem.

Ainda neste sub-capítulo do trabalho eu quero agradecer, — mais do que em nome dele, no de todos que pelo tempo em fora se espera que aprendam dele — os estágios proporcionados ao Daniel nas Oficinas Gráficas de Lello & Irmão e do Primeiro de Janeiro e a viagem que dentro de dias deve fazer à Fábrica Monotype em Londres, por oferta da referida Fábrica.

Insisto: que ele, e todos os outros, se encham da razão porque ele vai: *aprender para ensinar*. Portanto, nele vão todos os que ora estão e vierem a passar pela oficina, desde que queiram aproveitar toda a medida de valorização que à nossa oficina é proporcionada na pessoa do seu chefe.

Aquela crise que há dois eu previa e o ano passado comunicava, vai-se resolvendo, pelo regresso da tropa dos respectivos encarregados. Em Paço de Sousa permanece por resolver o problema da Serralharia. Os teares, parados pouco tempo depois da morte de Pai Américo, devem recomeçar em breve o seu trabalho, mercê da aprendizagem facilitada ao Zéquita e ao Xico de Guimarães pela Fábrica Salgueiros.

A lavoura deu um grande passo em frente, graças à presença assídua e entusiasta de P. Manuel António.

Na Casa do Gaiato de Beire, iniciou a actividade uma pequena oficina de vassoureiro, em razão da menor capacidade dos rapazes daquela casa, a qual, como já se disse, foi reservada para os atrasados mentais.

Em Miranda as oficinas trabalharam muito bem, com largo trabalho para fora. Apenas em uma delas — a alfaiataria — é um nosso à frente. Que o Senhor desperte a competência e a dedicação de outros para que P. Horácio possa quanto antes fazer a festa com prata da casa.

Em Setúbal, P. e Acílio, asoberbado com a conclusão do edifício, não pode ainda pensar a sério na instalação das oficinas.

Está em estudo a possibilidade de instalação das mesmas no futuro Lar de Setúbal, que ve-

continua na página quatro

Teatro S. João — Palmela

31 DE MARÇO — ÀS 21,30 HORAS

Os bilhetes para a nossa festa estão à venda: EM SETÚBAL — Bilheteira do Teatro S. João na Garagem do Belo; Papelaria Campos no Largo da Misericórdia; e Loja de João Ferreiro da Costa na Praça do Bocage. EM PALMELA — Bilheteiras do Teatro de S. João.





CALVARIO

OUTRO dia, apresenta-se aqui um senhor, acompanhado de pessoas amigas, ansiosas como ele por conhecer com os próprios olhos esta mansão inquietante. Observa tudo. Remira atentamente tudo. Troca impressões com os doentes. Apalpa-lhes a alegria do leite quente, do aconchego familiar, do sofrimento aceito em sorriso. E à saída tem esta exclamação saudosa:

— Nós precisamos de vir aqui mais vezes!

E eu pergunto: — Para quê? — Para amar. Todos precisamos de amar. Temos necessidade vital de amar. Ora, eis aqui o objecto condigno e prestimoso—os doentes abandonados e incuráveis. Eles têm o condão de queimar quem deles se abeira. Não venhas, pois, se desejas permanecer comodamente frio. No entanto, repara onde vai já o incêndio!

«Meu aumento de ordenado 500\$. Que bom é Deus permitindo

que assim me associe a tão belas obras de pura caridade cristã».

«Em acção de graças por meu mal não ser grande, cinco libras». É da Beira, Ultramar. E de Lourenço Marques 850\$, também muito amigos. Com igual devoção, Mafra com 20\$. S. João da Madeira com outro tanto. Gaia com metade. Estoril com 50\$. Lordelo com 40\$. Paroquiana das Antas com 100 para os cancerosos. Mães! Uma do Porto com 100\$, outra com metade em acção de graças pela filha. Para os cancerosos algumas notas de 20\$. «De pessoa que muito vos deve», 150\$. Sob anonimato 50\$. As. com 450\$ humedecidos pelas lágrimas. Mais 500\$ do Porto. Gondomar, Leitões, Tondela vêm com pedras de 50\$ para as novas casas. E com a mesma intenção e parcela aqui estão Júlia, Maria e vários assinantes da Capital e do Porto. Regente Escolar com mais uma pedra. «Por graça que Deus me deu 20\$». Com esta quantia, pecadora, Albina, docente para doentes, professora, amigos de Cacia, de Portalegre, e assinantes d'aquem e d'além mar. Outra grande pecadora com 100\$. As Marias de Portugal não se cansam de comparecer. Esta vem com 100\$. Estoura do Estoril com a mesma soma.

Duas irmãs muito amigas estão presentes com o óbulo de 100\$ para estes irmãos do Senhor. E com notas de 100\$ seguem-se o presépio da R. Faria Guimarães, mão escondida de Mirandela, humilde portuense, o Externato de Moscavide, dinamarguês amigo, outra mão que se furta ao conhecimento e assinantes ignorados.

Esposa infeliz pede a paz para o lar. Doente que se curou vem com 200\$, muito agradecida ao Senhor. Sargento com 40\$. Velha amiga do Estoril com agasalhos e cheque de 1.000\$00, louvando ao Senhor em poder dar. Felizes os que, podendo, sabem dar. Quem prescrua aquela íntima alegria?

Promessa de 30\$. Medicamentos de Valongo. Linho que serviu no altar do Senhor e vem continuar nos Seus membros doentes.

Presenças! Braga com 250\$. Porto com 40\$, com 30\$, Viana, Torres Vedras não faltam. Foz do Douro com 530\$. Belo Horizonte com 150\$, para o Calvá-

Tribuna de Coimbra



entrega das casas do Património dos Pobres em Coimbra, ontem à tarde, deixou-me cheinho. Cheinho da grandeza da simplicidade. Um mar de gente. Gente humilde. Os grandes destes mundo não compreendem estes actos cheios de he-leza. Estão habituados a convites formais e discursos preparados e depois o banquete.

Ali foi tudo em família. Tudo entre amigos. Só se ouviu a doutrina do Pai Nosso. Sem esta doutrina não entendemos a nossa presença ali. Nem atinamos com a sublimidade destas obras pequeninas, fruto de actos de renúncia interior e resultado de muitas gotas de suor. Tudo foi grande, porque impregnado do Amor de Deus. *Se deres tudo que tens aos pobres, mas não tiveres caridade, de nada presta o teu dar.* Eis a norma.

A imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima foi conduzida da Igreja de Santa Cruz em cortejo. Subimos todos a pé a encosta e no primeiro largo foi a cerimónia. Nossa Senhora e o Senhor Arcebispo presidiram. A Câmara e Serviços Municipalizados, Diário de Coimbra e Correio de Coimbra uniram-se a nós.

Fez-se a chamada das dezoito famílias contempladas, que ocuparam o seu lugar. Rezou-se em coro o Pai Nosso. Depois o Senhor Arcebispo benzeu uma imagem de Nossa Senhora que ficou no cunhal da primeira casa, um crucifixo para cada habitação, e a seguir as moradias. Com a sua voz de Pastor falou da mensagem da Mão do Céu para cada um de nós. O Amor. Foi por amor que Ela nos deu Jesus. Foi por amor que Jesus

se deu a nós. É por amor que nos damos uns aos outros e este amor concretizou-se na nossa presença ali e no encanto daquelas moradias.

Regressámos todos felizes e com a esperança de termos contribuído para a felicidade de cento e vinte irmãos nossos que ficaram ali a habitar.

Obras todas do Senhor, bendizei o Senhor. Louvemo-Lo todos para sempre. Amen.

P. S. — *Agora vou-me agarrar a sério à nossa festa para o Teatro Avenida, na noite do próximo 28. Os nossos rapazes andam no ar. Todos eles vão ser actores. Mil bilhetes não vão chegar para toda a gente. Vai ser um fim de dia de encanto.*

Padre Horácio

Relatório de 1959

continuação da página três

remos se pode ser realidade no ano de 1961.

Entretanto tem ocupado os rapazes, na vida do campo, (e ele tem 32 hectares para ama-

nhar!) nas obras e, dada a oportunidade e facilidade encontradas em Setúbal, tem aberto a todos os seus rapazes de boa vontade, a oportunidade de um curso secundário.

Novos Lares

EU nem sei dizer de quantos foram. Ao tempo fomos dando conta e só em Dezembro foram sete.

Nós gostamos de reservar um cantinho do nosso Relatório aos novos lares, por causa do valor humano e cristão que é a Família.

A própria Obra da Rua se estrutura à imagem de uma família e é ao conceito cristão de Família que nós vamos buscar, como a um princípio fundamental, todas as normas práticas da nossa vida.

«Todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão» — escreveu Pai Américo no «Fundamento da Obra da Rua e teor dos seus obreiros».

Por isso interessa-nos muito a constituição do Lar de cada um dos que foram nossos. E bem queríamos que todos tivessem um critério seguro — e soubessem confirmá-lo na hora própria por meio de alguém mais experimentado — na escolha de suas companheiras.

Temos vários que são infelizes, mas não podem atribuir a mais ninguém senão a si próprios a culpa do mau passo. Que ele era mau — estava à vista antes, se eles soubessem ver, ou, ao menos desconfiassem da sua vista!

Também desejávamos que os seus Lares nunca fossem infelizes por culpa deles. E alguns não são tão bons maridos quanto deviam ser.

Este problema ainda o fazemos mais nosso quando se trata de rapazes que hão-de ficar na Obra, como «continuadores». Quando foi do casamento do Cândido tivemos oportunidade de dizer a este respeito que poderia ser, até, uma causa de eliminação.

Tanto quanto o nosso tempo nos permite não nos cansamos de doutrinar cada um dos candidatos ao casamento acerca do critério de escolha e da espiritualidade matrimonial. Não deixaremos de procurar-lhes uma preparação muito séria. E pela obtenção deste desejo, nos já casados e nos que hão-de casar, oferecemos gostosamente o que já temos sofrido por causa do problema matrimonial de alguns dos nossos, especialmente dos mais chegados.

Também a família cresceu bastante durante o ano passado: netos e netas. Ainda aqui os números não são o nosso forte. E de alguns falámos ao tempo em que nasceram...

O voto que fazemos a Deus, a respeito destes netos, é que eles possam colher pela vida fora os frutos de um Pai, que soube aproveitar, nesta família—em que vários ocuparam lugares de chefia ou, pelo menos, foram durante algum tempo *irmãos mais velhos*— as muitas oportunidades de aprender e exercitar seus dotes paternos.

Oxalá nenhum dos presentes, ou dos que futuramente vierem a ser nossos, possa vir a lamentar a negligência neste ponto, pelo desprezo da Graça, que tão pródigoamente lhes é oferecida.

FACETAS...

continuação da página um

Adeus meu caro S. Lembrem-me aos Seus e escreva ao seu muito amigo,

Américo

Há precisamente 36 anos que esta carta foi escrita. Não sei como é que o Amigo do Funchal terá conciliado então a queixa do estremecimento causado pelas «sereias dos vapores, em Vigo» e a confissão do «prazer sublime e infinito da vida sobrenatural».

Talvez tenha pensado que o

rio «tão querido», de novo o Porto com 70\$. Alcobaça com 150\$. É outra Maria.

No Espelho da Moda 345\$ e variados embrulhos.

As senhoras da Sexta-feira não esquecem os mimos. Em meio disto tudo dois pijamas de flanela, lã e o que tem sido preciso.

Para fecho, nota de 1.000\$, «para os doentes cancerosos, que o paizinho também teve a mesma doença». Padre Baptista

«isto que lhe digo, sinto-o», explicaria a afirmação, fruto de mera e fugaz exaltação da sensibilidade...

Passaram 36 anos. O rumo então previsto sofreu muitas alterações. Porém, nunca se alteraram: nem a sensibilidade delicadíssima perante as asperezas da vida que tomou; nem «a alegria e conforto espiritual», pela «certeza de que todos os sacrifícios presentes são os que passam».

Algumas vezes, em momentos de provação, eu lhe ouvi o desabafo: «Tenho medo que desanimem...» E logo acrescentava, à guisa de remédio: «Isto só por amor de Deus se suporta». Isto — era a nossa vida.

Para os que nunca foram capazes de ver em Pai Américo senão o «Homem bom», excepcionalmente bom, eu aqui deixo o Seu testemunho, confirmado por 33 anos seguintes de vida, acerca do verdadeiro fundamento da sua bondade: «Aqui não há caprichos; não há estoicismos. Há a fé na vida eterna, o amor de Deus; a vontade íntima e sincera de fazer bem aos homens sem esperar recompensa deles».

IMPÉRIO DE LISBOA

29 DE MARÇO — ÀS 18,30 HORAS

Os bilhetes para a nossa festa estão à venda: na Ourivesaria 13 da Rua da Palma 11; Montepio Geral, Rua do Ouro; e no Lar do Gaiato, Rua dos Navegantes 34 r/c, Tel. 669451.